

A romantic scene featuring a couple holding hands. The man is wearing a grey t-shirt and jeans, and the woman is wearing a denim vest over a white skirt and pink sneakers. In the foreground, a dark brown suitcase with orange leather straps is decorated with a bouquet of red and white roses. The background is a soft-focus outdoor setting with warm, golden light.

Viagem de férias

Conto continuativo de *A Babá Gótica*
ADRIANA IGREJAS



PERIGOSAS NACIONAIS

VIAGEM DE FÉRIAS

Conto continuativo do romance “A babá gótica”

por

ADRIANA IGREJAS

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

A Deus, à minha família, aos amigos. E aos queridíssimos leitores de “A babá gótica”, razão da existência desta publicação.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Apresentação:

Queridos leitores e leitoras de “A babá gótica”,

Esta publicação foi feita exclusivamente para vocês! Depois de receber muitas mensagens fofas e carinhosas de elogios e também algumas revoltadas querendo saber: “para onde eles foram” pela forma como deixei isso em aberto no final do livro, foi que considerei matar a curiosidade de vocês com este conto.

O objetivo de vocês não saberem o destino da viagem de Lucinda e Lourenço era deixar a cargo da sua imaginação de leitor e não de escrever uma continuação... No entanto, muitas foram as rogativas nesse sentido, de modo que acabei cedendo à pressão dos meus queridos leitores, que

PERIGOSAS NACIONAIS

amam continuações e escrevi estas páginas... Espero que gostem, afinal, fiz por vocês! E gostando me deem um retorno, por favor! Vocês podem me mandar um e-mail para adrianaigrejas@oi.com.br ou me contatar pelas redes sociais. Me sigam no Instagram, Wattpad, Facebook, Twitter. Bem fácil me achar: Adriana Igrejas. Vou ficar esperando...

AVISO IMPORTANTE! Se você por um acaso chegou a esta publicação sem ter lido o livro ao qual ele serve de complemento, “A babá gótica”, devo avisá-lo de que este conto vai acabar sendo um grande spoiler do livro e tirar toda a graça quando você chegar a lê-lo, já que é um romance de mistério. E quando digo mistério, quero dizer daquele tipo que surpreende no final, mas se você ler isso aqui, não haverá surpresas, já intuirá tudo. Portanto, se pretende ler o original e ainda não o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fez, pare sua leitura por aqui...

PERIGOSAS ACHERON

Anteriormente...

Enfim, estavam bem e tinham a certeza de ficar bem. E ainda tinham todo o mês de janeiro para curtirem juntos. Fariam uma viagem de uma semana para um belo lugar banhado pelo litoral, onde houvesse praias lindíssimas e o verde do mar fosse absoluto. Sozinhos, planejavam se amar com toda a intensidade da paixão guardada por meses.

- Ilha de Fernando de Noronha?
- Porto Seguro?
- Fortaleza?
- Natal?

Tentavam se decidir enquanto olhavam folhetos de viagem. A dúvida era apenas o lugar.

– Já sei! – exclamou Lucinda. – Tive uma ideia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Vamos jogar todos pro alto e agarrar um! Quem sabe algum fantasminha camarada que esteja por aqui nos ajude a escolher a melhor opção, colocando o folheto certo em nossas mãos?

– Gostei. Mas só se for enquanto beijo você...

– Como assi...?

Lucinda nem terminou a pergunta. Com os folhetos na mão, ele a enlaçou em seus braços e beijou-a apaixonadamente enquanto jogava os folhetos para o alto. Deixou uma de suas mãos estendida por sobre o ombro dela e agarrou um dos folhetos que caía.

O beijo estava bom e não se animavam a terminá-lo. Quando finalmente o fizeram, Lourenço segurou o folheto e anunciou:

– Aqui está. Neste final de férias, vamos viajar e ficar num hotel em...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Depois:

– Fala logo, Lourenço. Assim vai me matar de suspense! Para onde vamos?

– Nossa! Você vai amar! É um lugar lindo... – falou de maneira brincalhona, segurando o papel de forma que ela não conseguisse vê-lo. – Muito lindo mesmo! – O que ele não disse é que ele próprio não havia olhado direito para o folheto e nem visto ao certo qual o destino. Estava apenas brincando com ela.

– Me dá aqui, deixa eu ver! – Ela já tinha perdido a paciência.

– Espera, também não vi direito – confessou sentando-se no sofá da sala do apartamento do pai de Lucinda, onde ela morava. Estavam sozinhos. Frequentemente Seu Josué não estava em casa e era para lá que iam quando queriam ficar a sós.

Segurou o folheto e leu o que estava escrito com o semblante sério, estranhando o destino que definitivamente não estava em seus planos.

– Não me lembro desse folheto estar entre os que colocamos no bolo...

Lucinda também achou o papel diferente e intruso.

– Vale do Café? Que eu saiba, lá não tem praia...

– Pois é, eu juro que os folhetos de viagem que separei eram todos de lugares no litoral... – desculpou-se Lourenço sem entender como aquele papel havia ido parar lá.

A moça folheou o panfleto com calma e interesse. Não era nada do que tinham em mente. Eles haviam pensado em passar uma semana de suas férias de verão em um local de praia, curtindo o calorão junto ao mar para se refrescarem. Um local como aquele não era em nada o que desejaram. E aquele papel não estava lá. Lucinda

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava intrigada, pois sabia que nada era por acaso e sua piadinha sobre “um fantasminha camarada” ajudar a escolher o destino da viagem podia bem ter se concretizado. Só assim para explicar o desfecho inesperado.

– O Vale do Café fica localizado no Vale Paraíba Sul Fluminense, interior do Rio de Janeiro... – disse Lucinda lendo o folheto.

– E o que tem para ver lá?

– Basicamente fazendas antigas, igrejas históricas, cidadezinhas pitorescas e... ah, tem cachoeira...

– Que ótimo! Trocar água do mar por cachoeira que tem água tão gelada que nem dá para nadar direito sem ter câimbra! – lamentou o rapaz, decepcionado.

– Lourenço, este folheto não estava entre os que separamos...

– Eu sei. Não sei de onde veio... Me dá aqui que

PERIGOSAS ACHERON

dou um jeito nisso agora – falou estendendo a mão para pegá-lo com a insinuação de que iria jogá-lo fora. Mas Lucinda o salvaguardou junto ao peito.

– Não, Lourenço. Pode não ser o que queríamos, mas é para onde devemos ir.

– Ah, só por causa desse sorteio bobo...?

– Não foi um sorteio bobo... Quando brinquei sobre um fantasminha camarada escolher... Bem, acho que algum espírito realmente escolheu nosso destino de férias por algum motivo e devemos respeitar isso – pronunciou-se convicta.

– Sério isso? – questionou preocupado.

– Sério.

– Você não está sendo obsediada de novo por algum espírito, não é? A Lisânia não...

– Lisânia não. Ela foi embora, você estava lá. E não, não é outro espírito me perturbando... É alguém que quer nos ajudar. Eu acho.

– Ok! Com os espíritos não se discute! – falou

levantando as mãos em sinal de rendição.

– Nada é por acaso, você sabe!

– Sei e já estou ficando meio preocupado com essa viagem... – Ele mostrou real desassossego.

– Oh, meu bem... – comentou a garota abraçando-o. – Não se preocupa. Provavelmente só quiseram escolher para a gente um destino maravilhoso para as nossas férias...

– É. Mas a praia... – choramingou em tom de reclamação.

– Eu já sei! Eu tenho uma tia que vive me oferecendo uma casa de veraneio em Búzios. Ela está no Chile agora. Então, acho que posso ligar para ela pedir as chaves ao caseiro e passamos lá uns dias para saturar de praia e depois vamos para o Vale do Café. O que acha? – propôs sorrindo.

– Gostei! E durante essa viagem, planejamos a outra! Porque pelo que vejo – comentou tomando das mãos da namorada o folheto e analisando-o – ,

o tal Vale do Café é uma região enorme, são vários os municípios e atrações. Temos que eleger os melhores lugares para visitar, hotel etc. Então vamos precisar planejar com calma...

– E nada como a ociosidade de uma praia...

– Você é dez, Lucinda! – completou para em seguida dar-lhe um beijo apaixonado.

Búzios

O balneário não era exatamente novidade para nenhum dos dois jovens. De classe média, estavam acostumados a passarem férias e finais de semana em casas de praia na Região dos Lagos desde a infância. No entanto, aquela viagem tinha um sabor diferente, porque fazia muito tempo para ambos. Lucinda, porque tinha se afastado de tudo que era diversão desde que iniciara seu período como babá gótica; Lourenço, por causa da faculdade de medicina. Mas ainda havia o fator principal que enchia seus corações de expectativas: estariam juntos e sozinhos a maior parte do tempo. Ainda não haviam dado o próximo passo em relação ao seu relacionamento e sentiam que o momento se aproximava. Não falavam sobre o assunto, apenas intuía que aconteceria de forma natural e

tacitamente sabiam que seria na viagem...

Lucinda procurou sua médica e pediu pílulas. Fez exames e se preparou. Não era inexperiente, entretanto, com Lourenço, seria mais que uma simples relação sexual, fariam amor e queria que tudo desse certo. Era a primeira vez que se apaixonava em sua vida e tinha muito medo de estragar tudo. Talvez por isso estivesse adiando o momento...

Os jovens desse início de século XXI pouco se preocupavam com a responsabilidade que era o envolvimento mais profundo entre um casal. Um certo descaso e leviandade predominavam numa sociedade passando por uma crise moral mundial, fazendo parte do processo de renovação do planeta. Ela também fora assim com seus namorados e, muito pior, com Regis. Não que agora Lucinda houvesse se tornado moralista, conservadora ou quisesse ser candidata a santa... Mas desde que teve

PERIGOSAS ACHERON

seus primeiros contatos com o mundo espiritual, conhecera os efeitos nefastos que a energia sexual muito ligada ao lado instintivo e animal e pouco conectada ao amor e consideração poderiam gerar. O carinho e respeito com o outro e a responsabilidade acima de tudo eram o que havia de mais recomendável para qualquer tipo de relacionamento.

Não duvidava de que ela e Lourenço partilhavam de algo muito especial. Não tinha dúvidas de que os laços que os uniam tinham muito de espiritual, mas ainda assim, sentia-se temerosa e dominada por grande ansiedade.

Lourenço também sabia que ela estava esperando pela viagem. Tudo estava implícito e ele já sonhava com aqueles dias como os de uma lua de mel. Por isso se decepcionara tanto com o destino de fazendas... Em sua mente, havia imaginado um cenário de um quarto com vista para o mar e que

PERIGOSAS ACHERON

ouviriam o barulho das ondas quando estivessem na cama.

Ele não tinha inquietações espirituais ou morais. Sempre fora um bom rapaz e zeloso em relação aos sentimentos alheios, talvez por isso estivesse apenas desejoso do enlace, sem receios perturbadores. Ele nunca estivera em situação de comprometimento moral. Não como Lucinda em seus dias mais negros, quando era uma “bruxa” vestida de rosa, assim como havia descrito para Ana Beatriz. Sua única preocupação era com que tudo fosse perfeito e romântico... Aqueles poucos dias em Búzios, contudo, serviriam... Haviam de servir...

* * *

A casa ficava em Geribá, mas não era tão próxima da praia, portanto não tinha vista para o

PERIGOSAS ACHERON

mar nem daria para ouvir as ondas de lá. Lourenço tentou não demonstrar seu desapontamento. Era, todavia, grande e bem mobiliada. Eles ocupariam a suíte de hóspedes, como era de tradição da casa, mas estavam totalmente à vontade e sozinhos. O caseiro morava nos fundos.

Chegaram, acomodaram-se e o relógio marcava 15h. Depois que tudo estava instalado no quarto, olharam um para o outro como que a interrogarem-se sobre o momento...

Lourenço resolveu que para que tudo fosse perfeito e romântico como idealizou, não poderia ser assim, de qualquer jeito. Tomou a iniciativa e sugeriu.

– Que tal darmos um passeio na praia, na orla, depois passearmos um pouco na Rua das Pedras? Podemos fazer comprinhas e depois quando estivermos com fome, jantamos por lá mesmo. Tem muitos restaurantes maravilhosos... Escolhemos

um...

– Ótima ideia! – respondeu Lucinda, grata por ele ter sido tão sensível e pensar em um final de tarde e início de noite que criariam uma atmosfera agradável e sonhadora.

Assim fizeram. Tomaram banho e se arrumaram de forma despojada, mas elegante. Lourenço colocou um bermudão caqui, uma camisa manga polo azul e calçou sandálias masculinas. Lucinda vestiu um vestidinho florido branco com amarelo e calçou sandálias.

O passeio na orla foi admirável. O tempo estava quente, mas soprava uma brisa suave que bagunçava os cabelos de Lucinda. Lourenço, de tempos em tempos, parava e a puxava para si, para olharem o mar abraçados e trocarem beijos ternos.

Quando a caminhada cessou, estavam na Rua das Pedras. Lucinda se animou a comprar um chapéu de praia e bijuterias. Quando já eram quase 19h,

PERIGOSAS ACHERON

Lourenço sugeriu um restaurante muito aconchegante e bonito para que jantassem. Fizeram a opção por frutos do mar e acharam tudo delicioso. A conversa girava em torno da viagem: a atual e a outra que planejavam fazer para satisfazer “o panfleto”. Tudo bem, até que Lucinda ficou aérea. De novo.

É, não era bem uma novidade. Desde o início do namoro, Lourenço percebeu que Lucinda começou a ter uns lapsos. Ela ficava desligada, como em transe durante alguns minutos. Terminava normalmente rápido, ela lhe dizendo que tinha resolvido, que era espiritual, que tinha feito uma prece e encaminhado o irmão.

Parece que Lisânia não seria o único fantasma na vida dela, ou deles. Aquilo o aborrecia um bocado, porque ainda não entendia. Ela tentava lhe explicar, mas sempre acabava com um pedido para que ele lesse livros e estudasse, participasse das reuniões

PERIGOSAS ACHERON

na casa espírita que ela começou a frequentar por influência de Noemi e, bem, de tudo aquilo que aconteceu com ela... Não que ele tivesse má vontade ou preconceito, seu problema era tempo mesmo. Mesmo estando de férias, ele era um estudante de Medicina, o que significava que estudar era maior obrigação mesmo na época de folga.

Aquela parte ele entendera mais ou menos. Lucinda tinha um pouco do que Noemi tinha, ou seja, mediunidade. Só que num grau bem menor. Ainda assim, tinha. Após sua aventura com Lisânia como babá gótica, passou a sentir aquele “dom” mais forte. Ouvia vozes em sua cabeça e frequentemente conversava com elas. A oração normalmente bastava para ajudar o espírito sofredor, na maior parte das vezes, e encaminhá-lo. Para onde? Bem, na concepção de Lourenço, ainda com pouco conhecimento e com a mente repleta de PERIGOSAS ACHERON

imagens cinematográficas, para a luz. Mas Lucinda falava com ele sobre colônias e hospitais espirituais. Ainda era um pouco demais para sua mente científica.

Se ele pudesse, gostaria de achar um botão de desliga em Lucinda para toda aquela coisa de sobrenatural, termo que agora ela corrigia, dizendo que era natural e não “sobre”. Infelizmente, parecia ser parte do pacote. E como ele poderia reclamar, se quando a conheceu e se apaixonou por ela, ela estava bem no meio de todo um caso para lá de paranormal?

– Você tá bem? – perguntou preocupado, colocando a mão sobre a dela.

Ela inspirou fundo e terminou o que parecia ter sido uma prece. Abriu os olhos, que estavam selados, e sorriu para ele.

– Tô. Agora tô bem. Já resolvi.

Incrível. As palavras dela confirmaram que era PERIGOSAS ACHERON

aquilo de novo.

– Isso não vai parar?

– Não, Lourenço. De vez em quando pode acontecer. Não tem jeito. Faz parte do meu trabalho.

Ah, sim. Ela já tinha lhe explicado que todo médium tem que trabalhar. Que não era um “dom” e que não era opcional. Era uma missão e que o médium que não trabalhava adoecia. Muitos preferiam negar, não acreditar, atribuir as vozes na cabeça a uma doença física mental. Muito triste o destino desses que, ao procurarem por médicos psiquiatras, obtinham o diagnóstico de esquizofrênicos e que viveriam dopados de tantos remédios e drogas fortes que teriam como prescrição.

Então era uma obrigação. O médium tinha que trabalhar!

“E onde está o livre arbítrio?” Foi isso que
PERIGOSAS ACHERON

Lourenço havia lhe perguntado na ocasião. Bem, ele quase se arrependeu da pergunta, porque a resposta foi bem longa e envolvia o conceito de reencarnação. Tudo aquilo ainda era muito novo para ele e a descrença natural com que crescera ainda estava alojada em seu íntimo, fazendo com que estivesse sempre com um pé atrás de todas as explicações.

Bem, resumidamente, Lucinda lhe teria dito que o espírito escolhe reencarnar como médium. O médium não era ninguém melhor que os outros, ao contrário, era um espírito devedor, com muitas faltas. Daí, para resgatar seus erros ele teria duas opções: vir com doença grave ou vir como médium. Aí estava o livre arbítrio. Se escolheu vir como médium, sua tarefa o espera e, ao não cumpri-la, falha, contraindo a outra opção: a doença. Também por conta da sensibilidade à sugestão dos espíritos, frequentemente sofre com

PERIGOSAS ACHERON

dores e influências negativas ligadas à depressão. E tudo poderia ser evitado simplesmente TRABALHANDO.

– Tá, te amo mesmo assim, minha bruxinha linda!

O “mesmo assim” poderia magoar... Mas Lucinda tinha elevado sua compreensão e sabia que ele não fazia por mal, mas por ignorância. Era muito ainda para ele assimilar. Porém sabia que era questão de tempo. Lourenço era um rapaz inteligente e mente aberta (pelo menos agora era) e em breve entenderia tudo.

– Também te amo, Lourenço. Muito, muito, muito.

Saíram do restaurante de mãos dadas e o clima leve voltou logo. Pararam no caminho para ouvir alguns poetas. Havia um bar com mesas do lado de fora e, alternadamente, pessoas declamavam poesia. A voz melodiosa de uma mulher com jeito

de menina, declamando versos suaves, encheu de otimismo e alegria a alma de Lucinda. Quando terminou, a moça distribuiu marcadores de livro. Era uma poetisa de Araruama, chamada Tatiana Machado, que se intitulava “Menina Poesia”. Lucinda pensou no quanto aquele nome era apropriado e combinava com a impressão que ela teve: de uma mulher com jeito de menina.

A noite parecia mesmo cheia de felicidade. Ao voltarem para a casa onde estavam hospedados e entrarem no quarto que dividiriam naqueles dias, não havia mais nenhum peso ou ansiedade.

Naturalmente, Lourenço anunciou novo banho e se encaminhou para o banheiro. Foi rápido. Saiu secando os cabelos com uma toalha, apenas de short. Lucinda mordeu os lábios pressentindo a atmosfera sensual. Imitou Lourenço e trancou-se no banheiro. Não foi tão rápida. Quando saiu, estava perfumada e fresca, vestia um vestidinho curto.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentou-se na cama penteando os cabelos.

Lourenço sentou-se ao lado dela na cama. Olharam-se longamente e beijaram-se. Antes de aprofundarem as carícias e os beijos, ele teve que dizer:

– Eu te amo, Lucinda!

– Também te amo, Lourenço! Tanto, tanto!

– Sabe que agora não vou parar, a não ser que peça... – sussurrou em seu ouvido acariciando-lhe os cabelos.

– Sei... – respondeu lânguida. – Não vou... Não quero que pare...

– Minha querida... Agora vamos ser realmente um do outro...

– Eu quero isso... Muito! É novo porque nunca senti o que sinto por você, Lourenço. Acho que vou me dissolver em seus braços...

– E eu quero me perder nos seus... Também nunca ameie ninguém... Você será a única...

PERIGOSAS ACHERON

As palavras cessaram e deram lugar aos beijos, carícias e toques. Amaram-se totalmente não mais só de alma, mas também de corpo, numa evolução natural de seu relacionamento. Eram namorados e eram também homem e mulher que agora pertenciam totalmente um ao outro no sentido de um compromisso afetivo de doação.

* * *

Na manhã seguinte, logo ao acordarem e verem-se juntos na cama, sorriram um para o outro e olharam-se longamente. A sensação de felicidade era plena. Uma ruguinha na testa de Lucinda, entretanto, fez com que Lourenço questionasse:

– O que foi? Você franziu a cara de repente...

– É que... É que eu preciso dizer... Você sabe que não foi o meu primeiro, mas queria te dizer que...

PERIGOSAS NACIONAIS

– Tudo bem, Lucinda, pode falar. Vamos ser sempre francos um com o outro. Falar sobre tudo, constrangedor ou não... Dicas de Seu Humberto de como manter um casamento feliz, digo, relacionamento... – falou sinceramente e foi estranho porque obrigou-se a corrigir o termo, mas o sentimento era real, era o de um casamento, pois sentia que era para sempre...

– Foi tão intenso! A entrega foi tão intensa... Nunca foi assim antes...

– Para mim também. Acho que é isso que o amor faz...

Diante daquelas palavras, tiveram que se aproximar e se beijar mais uma vez, selando a percepção que tinham do quão profundo era o que sentiam um pelo outro.

* * *

Os dias seguintes foram memoráveis e
PERIGOSAS ACHERON

paradisíacos, tanto em relação ao lugar quanto em relação ao estado de espírito dos jovens namorados. Tiveram realmente uma lua de mel. Dias de praia, sol, nado, passeios de barco, água de coco, frutos do mar e picolé. Noites de restaurantes, dança e paixão entre lençóis. Quase se esqueceram de planejar a outra viagem: a que deveria ser a principal. Somente no quarto dia se lembraram daquilo.

Começaram por escolher o trajeto. Logo de cara elegeram visitar uma fazenda em Barra do Piraí. Ela logo lhes chamou a atenção, pelo fato de proporcionar aos visitantes um sarau histórico com atores vestidos como no século XIX. Também queriam visitar algumas fazendas e cachoeiras na cidade de Vassouras, e rios e cachoeiras em Valença.

Definido o roteiro turístico, fizeram as reservas para a outra semana, de modo que tivessem tempo

PERIGOSAS NACIONAIS

de passar em casa no Rio e dar notícias para a família. Ainda lamentaram deixar seu paraíso particular e permaneceram lá por mais dois dias, até estarem muito queimados de sol para quererem voltar para uma praia... No último dia em Búzios nem saíram do quarto... Mas tudo chega a um fim e tiveram que dar adeus à casa da tia de Lucinda, que estava voltando do Chile e indo para lá.

PERIGOSAS ACHERON

A viagem sorteada

Lourenço e Lucinda só passaram dois dias em casa antes de pegarem novamente a estrada juntos. Nesses dois dias, ficaram separados. Cada um precisava organizar suas coisas, roupas e preparar-se para a nova empreitada. Além disso suas respectivas famílias lhes cobraram um tempo com elas. Lucinda precisou ir a uma reunião na casa espírita que frequentava agora por influência de Noemi. Assim, ela e o namorado só se falaram por telefone nesse período. Encontraram-se de manhã cedo no dia da partida, quando Lourenço foi buscá-la em casa para a nova aventura.

Logo que as malas estavam acomodadas, Lucinda sentou-se no banco carona e os dois se beijaram longamente antes de ele dar a partida. Já

saciados da vontade por praia, aquela viagem ganhava novos ânimos, pois que iam ver e fazer coisas bem diferentes. O sabor histórico era agradável aos dois.

Começaram por hospedar-se num resort em Vassouras. Lá aproveitaram a linda piscina, as brincadeiras e atividades, mas também de lá foram conhecer cachoeiras e rios, além de algumas fazendas abertas à visitação. Foram um dia à Conservatória, onde tomaram banho na cachoeira da Índia e à noite ficaram para ver as famosas serestas da cidade.

Lourenço foi audacioso ao fazer Lucinda dançar com ele na rua ao som de “Carinhoso”, tocada no violão e cantada por um grupo de seresteiros. E a moça se emocionou ao ouvir o poeta mesquitense, Jorge Rocha, figura já tradicional nos saraus da cidade, declamar um de seus poemas.

O Vale do Café era maravilhoso e jamais

PERIGOSAS ACHERON

saberiam disso, se não fosse a brincadeira do sorteio dos panfletos... Nada mesmo era por acaso...

Estavam gostando bastante, porque tudo era novidade para eles e o quarto de hotel à noite lhes permitia continuar a lua de mel que começaram em Búzios...

A última estada era na fazenda em Barra do Piraí. Os anúncios que haviam visto de “piscina, caminhada ecológica e cavalgada” eram bem entusiasmantes. Lucinda estava animadíssima e Lourenço, de bom humor. No entanto, logo que cruzaram o portão da fazenda, Lucinda sentiu um aperto no peito e uma pontada de dor de cabeça. Ignorou-os logicamente, mantendo viva a chama da animação que tinha por fazer turismo ao lado de seu amor. Encerrariam ali suas viagens de férias, justo no fim de semana na fazenda, quando havia a apresentação do sarau histórico.

Após o check-in, sentaram-se na recepção para

PERIGOSAS ACHERON

esperarem o quarto estar liberado para eles e lá um casal com filhos puxou conversa.

– Vocês já estiveram aqui antes? – perguntou a mulher, muito simpática e sorridente, que aparentava trinta anos, tinha cabelos bem cacheados e era morena.

– Ah, não. Viemos por causa do sarau histórico, parece ser bem interessante – respondeu Lucinda.

– Nós também! – comentou o marido dela, antes de correr atrás do filho de cinco anos que parecia que ia colocar uma folha do jarro de planta da recepção na boca.

– Parece que além da encenação eles também dançam como antigamente... Não é o máximo? – prosseguiu a senhora animada.

– Parece bem legal – disse Lourenço, sinceramente animado.

– Mas o que me preocupa é a noite aqui... – comentou a mulher, sem reparar que o marido

havia saído correndo atrás da criança que engoliu a folha de planta e correu para fora. A outra criança, uma menina, um pouco mais velha, distraía-se com o aparelho celular da mãe.

– Por quê? – perguntou Lucinda.

– Não ouviram dizer que aqui é mal-assombrado?

– Sempre falam essas coisas de lugares velhos – comentou Lourenço com uma risadinha, mas logo ficando sério ao lembrar seu recente contato com o lado espiritual. Então olhou para Lucinda alarmado.

– Provavelmente são apenas lendas... – A ex gótica comentou.

Lourenço se tranquilizou com as palavras da namorada, até que percebeu que ela disse “provavelmente” e não “certamente”. Por que ela não disse “certamente”?

– Dizem que já viram o Barão andar pela fazenda à noite... E escravos... E cadeiras de

PERIGOSAS ACHERON

balanço que... – interrompeu-se ao ouvir o choro do filho lá de fora. Olhando para a porta viu que ele tinha tropeçado, caído e machucado o joelho. O marido tentava consolá-lo. – Me desculpem, tenho que ir ver o meu filho. Levantou-se e correu para fora.

Lourenço olhou para Lucinda muito sério e com ar interrogativo.

– Que foi, Lourenço?

– Não estou gostando dessa história de fantasma... Logo de cara aqui...

– Eles espalham essas coisas para atrair turistas...

– Atrair? Você não quer dizer afastar?

– As pessoas se sentem atraídas pelo oculto... Não viu essa mulher? Ela está fascinada com a história...

– Só que nós sabemos que fantasmas EXISTEM!

Naquele instante, a garotinha que não tirava os olhos da tela do celular, levantou-se, olhou para ele

PERIGOSAS NACIONAIS

assustada e correu para a mãe indo para o lado de fora.

– Lourenço! Você assustou a garotinha! – repreendeu-o Lucinda.

Instantes depois chegou a vez de eles fazerem o check-in e logo se instalaram no quarto. O lugar era rústico com um toque de classe. Muito charme com sabor histórico, contudo, com o melhor da modernidade. Resolveram não desfazer totalmente as malas, porque só ficariam o final de semana.

– E então? – perguntou Lourenço, consultando um folheto da fazenda. – Vamos começar com a cavalgada ou com a caminhada? Ou o tour pela fazenda?

– Cavalgada – decidiu a moça, separando jeans e botas. – Definitivamente cavalgada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Começa com uma dor de cabeça...

A cavalgada foi fora dos limites da fazenda. Lucinda adorou e curtiu cada momento, sorvendo o ar puro da natureza e o ambiente rural com um gosto especial, principalmente porque a incômoda dor de cabeça a havia deixado assim que cruzaram a porteira da fazenda. Lourenço também apreciou o passeio com os guias e eles tiraram muitas fotos. Ela adorou também uma pequena caminhada que fizeram, puxando os cavalos pelas rédeas em meio ao mato, sentindo o verde de perto, podendo até tocar e sentir o frescor das plantas. O sorriso de Lucinda enchia o coração de Lourenço de felicidade e ele amava cada momento que passavam juntos.

Assim que adentraram a fazenda de volta, Lucinda pôde perceber que a dor de cabeça lhe

PERIGOSAS ACHERON

assaltou o crânio de forma contundente. Aquilo não podia ser mais ignorado. Não era impressão sua. Havia uma diferença nítida entre fora e dentro dos limites da propriedade para sua saúde e ela fazia bem uma ideia do que podia ser aquilo. Porém, estava relutante em contar a Lourenço. Não queria estragar as férias... Por isso, tentou ignorar a dor mais um pouco.

O almoço foi maravilhoso, mas Lucinda não conseguiu comer muito bem. Além da dor de cabeça lancinante, sentiu desconforto no estômago e impregnou-se de um mau humor que não lhe era comum.

— Você quase não comeu. Olha, prova isso! Pelo menos a sobremesa, vai! Este pudim está uma delícia! — propôs o rapaz com um sorriso nos lábios, tentando levar-lhe uma colher à boca.

— Não quero! — falou de modo ríspido, empurrando a colher que ele segurava, o que

PERIGOSAS ACHERON

resultou num acidente: o doce derramou-se, a mão do rapaz esbarrou num copo e o refrigerante espalhou-se pela mesa.

Logo um funcionário da fazenda apareceu para limpar tudo, mas enquanto Lourenço pedia desculpas, sua namorada deixava a mesa intempestivamente. Ele correu atrás dela, que foi para o quarto. Entrou e a encontrou chorando.

– O que foi? Eu disse alguma coisa? O que deu em você?

– Me deixa em paz! – Ela gritou descontrolada. – Será que eu não posso ficar sozinha? Estou com dor de cabeça! Some daqui, vai! Vai dar uma volta! Me deixa! – continuou gritando para em seguida jogar-se na cama e colocar um travesseiro por sobre a cabeça.

– O que está acontecendo, Lucinda? Não tem razão para você agir desse jeito! Eu não fiz nada! O que é que deu em você? Vai estragar nosso final de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

férias por causa de...

– Seu idiota! Será que não entendeu que eu quero você longe de mim! – Uma Lucinda transfigurada em ódio e falando entredentes proferiu essas palavras ao levantar a cabeça para ele de debaixo do travesseiro.

Aquilo acabou com o autocontrole dele. Ele não compreendia o que estava acontecendo, mas sentiu raiva. Muita. Deu um soco na parede e saiu do quarto pisando duro e batendo a porta atrás de si.

Foi à recepção e viu que um grupo de hóspedes estava se reunindo para fazer uma visita guiada pela fazenda. Juntou-se ao grupo numa esperança de se distrair e se acalmar.

Logo o casal com quem haviam conversado pela manhã se aproximou dele. Ele logo previu perguntas incômodas.

– Sua esposa... namorada? – indagou a mulher.

– É minha namorada – respondeu sem ânimo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ela não vem? – Ela quis saber com um olhar muito curioso.

– Está com dor de cabeça. Resolveu dormir um pouco – respondeu prontamente satisfeito por tecnicamente não estar mentindo.

– Que pena! – falou o homem.

– Mamãe! Foi ele o moço que disse que tem fantasmas de verdade aqui! – choramingou a filha do casal, reconhecendo Lourenço e lembrando de suas palavras pela manhã.

– Imagina, menininha. Foi brincadeira! Eu só estava tentando assustar minha namorada. Foi mal – desculpou-se.

– Viu, filha? Nada de mais.

Naquele momento, um grupo de animadores apareceu para levar as crianças para um outro local, onde haveria brincadeiras e jogos enquanto os pais visitavam toda a extensão da fazenda. Lourenço

PERIGOSAS ACHERON

achou que aquilo era uma boa ideia, principalmente quando cruzavam o espaço de uma antiga senzala, uma espécie de “Museu do escravo” e o guia mostrava antigos instrumentos de castigo, narrando a forma como eram usados e as diferentes torturas que sofriam os pobres negros até o século XIX. Definitivamente aquilo não faria bem à cabecinha de uma criança.

Observou que alguns daqueles objetos possuíam marcas escuras indeléveis. Eram manchas de sangue tão entranhadas que o tempo não as dissolvera, nem nenhuma forma de limpeza que tivessem usado. Flagrou-se cogitando se havia necessidade histórica realmente de se manter tais objetos pusilânimes. Talvez sim, como prova cabal da infâmia, do crime cometido, como registro do que o homem fizera, a fim de evitar que se pense em cometer semelhantes atos no presente. Ainda assim era aviltante. Lourenço sentiu-se mal. Uma

PERIGOSAS ACHERON

senhora desmaiou. Outra quis sair dali imediatamente. Aquilo incomodava. A sensação no ambiente era claustrofóbica. Sentiu-se pesado e infeliz. Felizmente logo saíram do local, prosseguindo a visita.

O coração do rapaz, acelerado, demorou um pouco para serenar. Depois nos salões de baile, o clima era outro, mas ainda sentiu uma angústia. Era como se os ecos do passado deixassem marcas no presente e a opressão de outrora não se desfizesse.

Ao fim do passeio, voltou abatido e sem forças para o quarto, preocupado com o que encontraria. Será que Lucinda estaria melhor? O que havia acontecido com ela?

Quando entrou, encontrou-a em uma posição meditativa, de olhos fechados. Seus lábios murmuravam algo. Ela o viu e seus olhos se encheram de lágrimas. Levantou-se e foi abraçá-lo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele estava ressentido e fez-se rígido. Não retribuiu o abraço. Ela percebeu e o soltou.

– Me desculpa, meu amor! Eu fui horrível com você!

– Te deixei em paz o suficiente? – falou ainda muito magoado.

– Não. Não era com você. Eu peço desculpas. Eu fui fraca. Me deixei dominar. Mas já me controlei e sei o que está acontecendo.

– Ah, que bom! – exclamou com ironia. – Porque você parecia uma maluca! E você nunca falou comigo daquele jeito! Nem quando era uma gótica e eu te tratava mal! – reclamou.

– Não era eu. Bem, era eu. Mas não era só eu...

– O que é que você tá dizendo?

– Senta aí, Lourenço. Eu preciso te explicar umas coisas...

Ele conhecia aquele tom. Foi o que ela usou quando começou a revelar a ele sobre Lisânia e

PERIGOSAS ACHERON

toda aquela história sobrenatural na qual ela estava envolvida quando ele a conheceu. Seria possível que...? Será que ia começar tudo de novo? Que ela era médium e de vez em quando precisava “encaminhar um irmão” ele já sabia. Mas o que era aquilo agora? Ela tinha dito que não era ela... Então era quem?

Ele se sentou e observou o rosto dela. Ela estava muito diferente de quando a conheceu. Deixou o cabelo voltar ao tom natural de loiro escuro, estava mais curto, porque ela cortou as pontas do corte repicado e rebelde que ela usava como gótica. Também raramente usava lápis preto como antes. Sua maquiagem era mais suave a maior parte do tempo agora. Mas naquele momento ela não usava nada no rosto. Ele visivelmente havia sido lavado por lágrimas. E, contudo, ainda era ela, com os mesmos olhos azuis incríveis que ele um dia pensou serem de uma bruxa, tamanho o apelo e

PERIGOSAS ACHERON

poder que tinham sobre ele.

– Tá. Beleza. Fala – comandou com o tom de voz ainda aborrecido e na defensiva.

– Você sabe que a Noemi é médium, não é? – Ele confirmou com a cabeça. – E que existem outros como ela? – Nova confirmação da parte dele. – Então, desde que comecei a frequentar a casa dela, ela me deu livros para ler, me explicou uma porção de coisas, eu assisto a palestras e vídeos pelo You Tube também... E recentemente me senti preparada e estou frequentando a casa que Noemi frequenta...

– Eu sei, mas isso... – Ele não sabia o que ia dizer. Só queria entender aonde aquilo chegaria.

– Eu tenho aprendido muito... Uma das coisas que aprendi é que todos nós somos médiuns...

– Como é que é? – soltou em surpresa absoluta.

– Se você não estivesse sempre tão ocupado com as leituras da faculdade, teria lido o livro que eu te

emprestei e saberia, ou teria ido comigo nas reuniões... – falou soltando um suspiro. Em seguida respirou fundo para continuar. – Como eu estava dizendo, todos somos médiuns, só que em graus diferentes. Assim, todos nós percebemos de uma maneira ou de outra o mundo espiritual. Alguns têm intuições, sonhos... Outros apenas sentem a presença... ou apenas sentem quando um ambiente está com um clima pesado ou não... Alguns mais desenvolvidos escutam, outros veem, outros conseguem dar voz a esses espíritos, usando seu aparelho fonador de forma mais ou menos consciente... Alguns psicografam, outros desenham... Tem várias formas de mediunidade... E tem aqueles que possibilitam aos espíritos mover objetos, emprestando a eles sua matéria fluídica. Isso é um pouco mais complicado... São os chamados médiuns de efeitos físicos...

– Lucinda, aonde você quer chegar? O que tudo
PERIGOSAS ACHERON

isso tem a ver com o seu comportamento na hora do almoço? Por acaso está dizendo que estava possuída?

— Não! Um espírito não pode fazer isso dessa forma! Não dizemos “possuído”, dizemos que damos passividade... Mas não. Não foi isso. Mas eles nos influenciam muito e eu descobri que também sou médium, de um grau e de uma maneira diferente... Eu já lhe falei algumas vezes sobre isso. Eu sinto a presença deles. É muito forte. Lembra quando eu disse que não via Lisânia, mas sentia a presença dela? Médiuns videntes e audientes como Noemi são raros, mas os que sentem são bem mais comuns... Eu nunca dei passividade, não ao ponto de expressar pensamentos deles através da linguagem. Mas eu choro o que eles choram, porque sinto o que eles sentem... E eu chorei muito essa tarde... — falou se emocionando novamente.

Lourenço resolveu deixar o ressentimento de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lado e venceu a distância que os separava para envolvê-la em um abraço.

– Shiiii... Calma. Me conta tudo.

Ela soltou-se do abraço e o encarou novamente.

– Eu estou desenvolvendo a minha mediunidade e estou cada vez mais sensível. Então eu sinto o que eles sentem: dor, ódio, raiva, medo, sofrimento... Naquela hora que eu te tratei mal é que eu não estava conseguindo separar o que era meu e o que era deles... Fica um pouco confuso aqui dentro sabe? – falou num tom jocoso e com um sorriso, para amenizar a gravidade da situação. Mas Lourenço não riu. Ela decidiu continuar. – Eles me afetaram. Sim, “eles”. Tem muitos sofredores por aqui... Tantos, que eu senti logo que entramos na fazenda.

– Como?

– Um mal-estar e uma dor de cabeça muito forte. Viu? A dor de cabeça não era mentira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Você parecia outra pessoa...

– Eu me deixei entrar na sintonia deles e eles me afetaram. Quando deixamos que eles se identifiquem com nossas irritações, frustrações e medos, eles vão encontrar campo fértil aí... Tive que me acalmar, rezei muito pedindo paz e ajuda. Assim, consegui mudar minha frequência vibratória, para que eles não me afetassem tão diretamente.

– Beleza. Então vamos aproveitar que você está bem cair fora daqui! Eu não gosto de dirigir à noite, mas se a gente sair agora...

– Não, Lourenço! A gente não vai embora!

– Por que não? Se o lugar tá todo tomado de...

– Porque nada é por acaso e nós viemos para cá por uma razão...

– Pra você se ferrar de dor de cabeça e arrumar um novo encosto?

– Não, Lourenço. Para ajudar. Estou aqui para
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ajudar. Não sei como ainda. Mas não viemos aqui para fugir. Eu liguei para a Noemi. Ela não podia falar na hora, mas me escutou e disse que me ligava de volta para me ajudar.

– Não tô gostando disso... – expressou seus receios.

– Quando nos conhecemos eu vivia uma situação bem pior... Você foi corajoso. Achou que ficando comigo os problemas não iam voltar?

– Na verdade eu achei sim – confessou com um sorriso forçado. Achei que já tinha sido aventura bastante para uma vida toda. E você está me dizendo que esse tipo de coisa vai continuar acontecendo...

– É isso mesmo. Isso pode e bem possivelmente vai acontecer comigo outras vezes. Se você acha que é demais para você... – falou num fiapo de voz melancólica. – Eu vou entender – concluiu armando-se de coragem e magnanimidade para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deixar seu amor partir se assim o quisesse. Seria doloroso. Ela o amava tanto! Entretanto, não queria nem iria pedir dele sacrifícios. – Não posso exigir que você fique comigo e passe por isso sempre que...

– Ei! – interrompeu-a, segurando o rosto delicado e feminino com a ponta dos dedos da mão direita, forçando-a a olhar diretamente para ele. – Eu achei que tinha acabado e não vou dizer que isso tudo não me assusta, mas, caramba! Eu te amo, Lucinda! Eu passei por cima de um monte de preconceitos para ficar com você quando você se vestia de gótica pesada! E ainda estaria com você, ainda que continuasse a se vestir daquela maneira! Eu investiguei, fui até uma delegacia e até fui preso! Eu enfrentei um delegado e um fantasma! Eu vi meu carro ligar sozinho! Minha irmãzinha ficou doente! Armamos juntos uma cilada para uma assassina!

PERIGOSAS ACHERON

Parou para tomar fôlego e dar uma boa respirada, bem fundo. Não desviou o olhar dos olhos dela, contudo. – Fiz e faria tudo de novo, só para ficar com você! Você entende? Você compreende a extensão do meu amor? Você não pode achar que eu vou te abandonar num momento difícil... E nem depois e nem nunca... – continuou emocionado, autenticando suas palavras com um beijo terno e úmido pelas lágrimas da moça que correram em profusão através de sua face até os lábios. Ela agarrou-se a ele com paixão e alívio. Sentia como se um peso lhe tivesse sido tirado das costas. A ideia de que pudesse perder Lourenço a fizera sofrer miseravelmente naqueles poucos segundos em que a cogitou.

O beijo selou novo compromisso de companheirismo e deu a Lucinda a firmeza de que precisava. Ele era sua força e quando estava em seus braços, sentia-se em uma fortaleza. Quando

PERIGOSAS ACHERON

ele terminou o beijo, não soltou os braços da moça, todavia. Ainda a fitou nos olhos muito sério.

– Seja o que for, Lucinda, eu estou do seu lado. Daqui eu não saio, daqui ninguém me tira... – brincou e sorriu. – Então, você dizia... – falou afrouxando o abraço para, por fim, soltarem-se um do outro para retomarem a conversa.

– Lourenço, você é maravilhoso, sabia? Não consigo acreditar na minha sorte! – falou com um sorriso legítimo. – E você só pode ser doido! Mas fico feliz por isso. – Respirou fundo para se concentrar e voltar ao problema que tinham. – Bem, como eu estava dizendo.... Existem espíritos por toda parte. Eles não estão presos a um lugar específico, a não ser por suas próprias prisões mentais. Estes aqui parecem ter criado a ilusão de que ainda são escravos e não podem fugir... Aprisionam-se em seu próprio sofrimento...

PERIGOSAS NACIONAIS

– Que horrível! Os mesmos caras que ficaram acorrentados naquela senzala medonha? Eu estive lá hoje. Me senti mal...

– Tá vendo? Esse mal-estar é porque você também tem sua mediunidade. Todos temos, só que às vezes não reconhecemos...

– Isso é assustador...

– É absolutamente natural e comum. Só que a maioria das pessoas ignora ou finge que nada está acontecendo.

– Uma moça desmaiou lá na senzala... O ambiente é realmente pesado...

– Ela provavelmente tem uma mediunidade mais apurada, é mais sensível... A própria expressão de “ambiente pesado”, que tanta gente usa, quer dizer o quê? Exatamente isso! O que deixa o ambiente pesado? Justamente as vibrações baixas. É basicamente uma sensação espiritual. É tão óbvio! Por que será que as pessoas não entendem? Não

PERIGOSAS ACHERON

acreditam... Se elas sentem...

– Sabe, desde que te conheci, meu mundo girou 360°. Sem contar o fato de eu ter me apaixonado por você... Eu agora acredito em tudo, quando antes não acreditava em nada...

– Hum. Não acho bom acreditar em tudo... Sabe? Papai Noel realmente não existe... – Ela quis brincar um pouco para descontrair.

– Você entendeu o que eu quis dizer.

– Claro. É. Tem outra coisa. Eu e Noemi já desconfiávamos disso por causa daquela vez na garagem, lembra? Quando Lisânia tocou a buzina e ligou o motor do carro?

– Ahã. O que tem isso?

– Pra que ela tenha conseguido fazer aquilo, significa que havia lá um médium de efeitos físicos, senão nadinha aconteceria por mais que ela quisesse... Ou esse médium era eu, ou você...

– Opa! *Peraí!* Eu não! – exclamou em surpresa,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para em seguida se deixar tomar por uma certa satisfação em ser algo especial. – Acha que sou eu?

– Não, seu bobo! Sou eu. Eu sinto coisas e posso propiciar efeitos físicos. Noemi já fez uns testes comigo. Nada aconteceu de muito alarde... Só um objeto que se moveu sobre a mesa... E hoje aqui no quarto, enquanto você esteve fora, as luzes ficaram apagando e acendendo sozinhas...

– É... Nada de mais... Minha namorada faz mover objetos! Grande coisa! – falou com ironia e medo.

– Não sou eu. É o espírito quem os move usando o meu fluido, mais material, que se combina com o dele... É bem científica a explicação. Você ia gostar, futuro médico!

– Leio os livros depois. Agora o que a gente faz?

– Vamos jantar. E quero ver a senzala...

– Oi?

PERIGOSAS ACHERON

* * *

Depois do jantar, Lourenço e Lucinda foram caminhar ao ar livre. Parecia aos olhos de qualquer um que se tratava de um casal de namorados que saía para ver a lua, que estava cheia e convidava ao romance. Efetivamente, eles olharam para ela e sentiram-se enternecidos um pelo outro e selaram seu amor e companheirismo com um beijo banhado pelo luar. Mas em seguida vinha a missão. Noemi havia ligado de volta e dado instruções.

Deram um jeito de chegar à senzala cortando caminho por dentro da casa grande, que era dividida em várias alas, com algumas que não davam acesso aos visitantes.

Com passos decididos e murmurando uma oração, Lucinda entrou no ambiente. Se Lourenço já tinha achado o lugar tenebroso de dia, à noite então, parecia fúnebre, tétrico. Lucinda segurou a

PERIGOSAS ACHERON

mão dele e pediu que a acompanhasse na prece.

Quando cessaram o rito, ouviram um barulho. As correntes penduradas na parede balançaram levemente. Em seguida, fortemente. E aquilo virou um barulhão...

Em meio ao susto, Lourenço abraçou Lucinda e ficaram imóveis e sem ação. Um vulto se aproximou e, por alguns instantes, Lucinda teve dúvidas se seria um encarnado ou um desencarnado. Que soubesse, ela não tinha o dom da visão. Contudo, eram tantas as coisas que não fazia e tinha começado a fazer... Talvez estivesse vendo os fantasmas agora...

– O que é isso? O que vocês estão fazendo aqui?
– perguntou um homem de meia idade, com um rosto bastante preocupado. – Saiam daqui, vamos!

As dúvidas se dissiparam. Era efetivamente alguém de carne e osso. Ele os convocou a deixar o local e eles o seguiram para um pátio ao ar livre.

PERIGOSAS NACIONAIS

Logo que saíram da senzala, o barulho cessou.

– Desculpe, minha namorada queria ver a senzala... Ela perdeu a excursão hoje à tarde. – Desculpou-se Lourenço, tentando amenizar a situação.

– As correntes estavam dançando nas paredes e vocês não parecem nem um pouco assustados – comentou o homem.

– Ah, efeito bacaninha de vocês! Esperto! Quem resolve zanzar à noite, toma susto por lá... Como é que vocês fazem aqueles efeitos especiais? – dissimulou Lourenço.

O homem pensou em refutá-lo por um instante. Mas pareceu achar que a conclusão do hóspede era melhor que qualquer coisa que ele pudesse dizer.

– Tudo para agradar os turistas. Desculpem pelo susto. Me chamo Anderson – falou estendendo a mão para eles. – Sou um dos atores do espetáculo que vão ver amanhã. O sarau. Eu faço o Barão.

PERIGOSAS ACHERON

Eles apertaram sua mão e o cumprimentaram de volta, com sorrisos relutantes.

– Seu Anderson, nós sabemos que não foi efeito especial – falou Lucinda muito séria.

– Pô, Lucinda! – reclamou Lourenço, sentindo que sua saída perfeita estava sendo destruída.

O homem forçou uma risada.

– Então, se não foi efeito, foi o quê, então? Vocês acreditam em fantasmas?

– Sim!

– Não!

Eles responderam ao mesmo tempo. Lucinda queria abrir o jogo, enquanto Lourenço queria fingir que tudo estava normal, pelo menos o suficiente para que eles não acabassem as férias em um manicômio da região...

– Eu sou médium de efeitos físicos e por isso que testemunhamos aquilo. Provavelmente já aconteceu antes. Outros como eu, talvez até

inconscientes de suas habilidades já devem ter passado por aqui – declarou firmemente, para desespero de Lourenço, que bufou e passou a mão pela cabeça.

– Médiun, é? Hum! Eu me mantenho cético, moça. Caso contrário, eu já teria pirado trabalhando aqui. Mas isso já aconteceu sim. Algumas vezes. Tem uma cadeira de balanço num dos salões que também gosta de balançar sozinha de vez em quando. Eu me faço de morto. Não é comigo!

– Mas o senhor sabe o que acontece aqui, né? – prosseguiu Lucinda.

– As teorias? As lendas? Todos conhecem. Espíritos dos escravos e do Barão assombrando o lugar. Pode ser verdade. É bom para atrair o público. De qualquer forma, se tem espírito aqui ou não... não interessa. Eles não fazem mal a ninguém.

– Não visivelmente e talvez nem mesmo conscientemente. Mas o senhor já deve ter visto

PERIGOSAS NACIONAIS

gente passando mal por aqui... E eles fazem mal principalmente a eles mesmos. – Ela explicou.

– Fazer o quê? – O ator parecia não se importar e já estar até acostumado com tudo aquilo.

– O senhor mora aqui? – Ela interrogou.

– Moro, de certa forma.

– Então vai servir – concluiu a ex gótica com um sorriso.

– Servir para o quê? – O homem perguntou assustado.

PERIGOSAS ACHERON

Ajudar é o que um médium faz

Quando o senhor Anderson entrou no carro, Lourenço nem acreditou no quão relativamente foi fácil convencê-lo.

Parecia que certas pessoas já estavam pré-dispostas a acreditar, bastando para tanto, uma certa dose de esclarecimento acompanhado de explicações que não ferissem a ciência. Estranhamente, ao contrário de tudo o que ele, Lourenço, pensava, aquela era uma doutrina totalmente científica. Apenas a Ciência ainda não a havia aceitado, mas era uma questão de tempo. A Física Quântica avançava nessa direção, a fim de conseguir a comprovação. Durante muito tempo também a eletricidade fora vista como algo sobrenatural, até que se constatou que era apenas natural. O sobrenatural era

PERIGOSAS ACHERON

meramente o que o homem ainda não compreendia, raciocinou Lourenço.

Noemi havia ligado de volta para Lucinda e indicado uma casa de auxílio espiritual na região. Ela conhecia um de seus dirigentes. Eles foram avisados do caso e concordaram em recebê-los lá.

– Como explicamos por telefone, nós aqui já visitamos a fazenda e conhecemos o problema. Vez ou outra conseguimos atrair um desses espíritos para a mesa. Uma vez aqui, nós podemos doutriná-lo, libertá-lo e solicitar seu auxílio e atendimento fraterno em um hospital espiritual. O espírito não fica preso a um lugar, a não ser por sua própria prisão de pensamentos e é isso que acontece com a maioria naquele local. Por isso ainda não pudemos resolver – explicou uma mulher de cabelos curtos e totalmente brancos, que vestia calças jeans e uma camiseta onde se lia a frase: “A vida, como a fizeres, estará contigo em qualquer parte”.

– Já tentamos fazer uma sessão mediúnica lá na fazenda, mas o dono nunca concordou, então, fica difícil – acrescentou um homem bem idoso, completamente careca, que vestia calça e camisa sociais.

– Por isso dissemos que teriam que trazer alguém que more lá, ou que esteja frequentemente lá. Só assim podemos ter um elo forte o bastante para que a Espiritualidade Superior possa agir, atraindo para nossa mesa os espíritos que lá estão vagando há tanto tempo – completou a mulher.

– Fazia muito tempo que a senzala não mexia... E dessa vez foi brabo. E essa mocinha aí me veio com as explicações. Não pude ignorar o que vi lá hoje. E como ela me disse que era para fazer o bem... – falou o Senhor Anderson.

Sentaram-se todos à mesa, menos a mulher de cabelos brancos, que permaneceu de pé. Havia dez médiuns em torno da mesa e Lucinda também foi

PERIGOSAS ACHERON

convidada a se sentar. O Senhor Anderson e Lourenço sentaram-se em cadeiras um pouco afastadas da mesa, ficando fora do círculo. Os médiuns puseram as mãos abertas sobre a mesa.

Foi feita uma prece inicial e depois a mulher que ficou de pé pediu para que os guias espirituais auxiliassem indo até o local onde Anderson morava a maior parte do tempo, para trazerem de lá os “irmãozinhos sofredores desencarnados que por lá estivessem”, conforme suas palavras. E, quando ela solicitou que fosse completada a passividade, vários médiuns começaram a simultaneamente manifestar a fala de espíritos. Houve muito choro e lamento. Ela pedia que tivessem paciência, para que falasse com cada um de uma vez através de um médium.

Um a um, eles relatavam torturas, maldades que sofreram e diziam-se ainda presos. Alguns nem sabiam que estavam mortos. Calma e

pacientemente ela lhes mostrava a verdade: que eram espíritos, que não eram mais escravos, que eram livres, que podiam ser acolhidos pela Espiritualidade Amiga. E assim, um a um, sendo convencidos, deixavam-se levar por seus guias espirituais, que antes eles nem enxergavam, por estarem em uma frequência diferente de energia, ainda muito material. Eram levados para uma colônia espiritual para tratamento. Ainda levaria tempo para que compreendessem sua real condição, mas os médiuns haviam feito sua parte. Agora, os espíritos superiores fariam a deles.

Por último, manifestou-se um espírito, que já pelo modo de falar e por uma certa arrogância no tom, percebia-se que não se tratava de um escravo. Logo desconfiou-se de que era o tal Barão que habitara a fazenda nos idos tempos. Conforme Lucinda aprendeu nas reuniões de estudos, os espíritos não costumam se identificar por nome, ao

PERIGOSAS ACHERON

contrário do que alguns supõem. E também em nada interessa aos médiuns a identidade deles, mas sim a ajuda que podem lhes dar. Na espiritualidade não há títulos nem honrarias que se leve da Terra, exceto as boas ações e o bem que se fez, que se reflete em melhoramento para o próprio espírito.

– Meu irmão, olhe quem está do seu lado. Você não precisa mais ficar naquele lugar.

– Eles não me deixam ir... Eu... fiz coisas horríveis com eles...

– Eles já foram. Você também pode ir.

Logo, tornou-se evidente que o que o prendia junto àqueles espíritos era sua própria consciência atormentada, Lourenço compreendeu. Noemi havia dito a Lucinda que uma vez passada a ilusão da matéria, o espírito entende com uma lucidez cáustica o mal que praticou e sofre em decorrência de tais feitos indefinidamente. Era necessário que ele se desvencilhasse do elo, embora ainda fosse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pagar por suas ações em momentos posteriores, de outra forma.

Foi demorada e trabalhosa a doutrinação daquele ser em estado miserável. Finalmente, foi levado.

Outros espíritos também ali compareceram para dar mensagens e procurar ajuda. Estes nada tinham a ver com a fazenda, mas como Lucinda havia dito para Lourenço: “Eles estão em toda parte e não perdem a oportunidade de buscar auxílio ou se comunicar”.

Terminada a sessão, cantaram uma canção muito bonita: “*Quanta luz/ Neste ambiente/ Descendo sobre nós, /Vibrando em nossa mente/ Quanta luz/ Quando assim em prece/ Como a alma cresce/ Aos olhos de Jesus*” (composição de Cenyra Pinto) e fizeram uma prece fervorosa de agradecimento pelo trabalho que realizaram.

* * *

PERIGOSAS ACHERON

Quando saíram de lá, todos sentiam uma sensação de paz muito grande, como se um peso enorme lhes tivesse sido removido dos ombros. Dentre eles, aquele em que o sentimento era mais forte era Anderson. Convivendo na fazenda há tanto tempo, sentia que o ar que respiraria por lá estaria de algum modo mais leve a partir daquele momento. Isso se confirmou no instante em chegaram lá. Lucinda não tinha mais dor de cabeça nem mal-estar.

Foi direto para a senzala e lá sentiu apenas a energia negativa deixada pelos sofrendores, entretanto era mais como um cheiro ruim que fica e que passaria após certo tempo. Os objetos também tinham sua carga de energia, mas não se comparava àquela dos espíritos. Era uma sala vazia. Haveria outros espíritos por ali depois, posto que outros viriam. Eles estavam em toda parte, até Lourenço

PERIGOSAS ACHERON

agora aceitava aquilo. Todavia, não seriam aqueles mesmos indivíduos presos a uma mancha de injustiça histórica.

De volta para o pátio, a linda lua cheia ainda estava lá. O Senhor Anderson pediu licença e se retirou, dizendo que no dia seguinte havia espetáculo e precisava estar descansado. Agradeceu e não quis dizer mais nada, porque quanto mais falassem sobre o assunto, mais perguntas haveria. Ele desejava apenas descansar, mas se sua mente voltasse a buscar por explicações, ele já conhecia o caminho para um lugar que podia dá-las.

Lourenço olhou para Lucinda com um sorrisinho no canto da boca.

– O que foi? – perguntou ela.

– Você é maravilhosa. Incrível. Você... meio que ajudou a algumas dúzias de espíritos a descansarem...

– Descansar não é bem o termo... Há muito

trabalho do outro lado...

– Tá, você me entendeu!

– Eu não tenho escolha, Lourenço. Agora que sei que minha mediunidade é ostensiva e compreendo melhor as coisas, eu tenho uma missão, um dever...

– Mas mesmo assim é admirável.

– Nem tanto. Sabe o que a Noemi me disse? Que o médium ostensivo tem a obrigação, porque se ele não faz, fica doente. É sério. O médium que não exerce seu dever, adoece. E feio. Você viu aquela dor de cabeça? É a ponta de um iceberg...

– Eu sei, eu sei... Você já tinha mencionado... Ainda assim, acho você muito corajosa! Eu estava me cagando, sério! Eu morri de medo de tudo aquilo! Mas tomei uma decisão. Tenho que ser macho o suficiente pra minha garota, então vou encarar essa parada! Quando voltarmos, vou passar a ir com você a todas as reuniões que eu puder. E depois que as férias acabarem, também vou dar um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

jeito. Pelo menos uma vez por semana.

– Que ótimo, meu amor! Vai ser tão legal ter você comigo nisso também! Você vai compreender tudo tão mais fácil!

– Quando VOCÊ deu a tal de passividade lá naquela mesa, aí eu me caguei feio! Foi muito estranho... Você não vai fazer isso a qualquer momento, né?

– Não, preciso estar com o grupo, senão não tem objetivo. Como doutrinar sem alguém para falar com o espírito? Pode acontecer, mas aí eu controlo e não deixo. Falo para o “irmãozinho” esperar pela reunião. Daí você pode ter uma ideia do quanto é importante eu ir e trabalhar isso toda semana... Já pensou a fila como ia ficar se eu não for uma semana?

– Faço ideia... Tipo aquela fila de fantasmas para pularem na Whoopi Goldberg em *Ghost*... – brincou para descontraír.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– É, mas tecnicamente, eles não PULAM! Não entram na gente. Apenas tocam no nosso ombro, por exemplo...

– Tá, mas vai com calma na didática, tá? Esse “tecnicamente” está destruindo a melhor parte de um bocado de filmes bacanas de Hollywood... – falou meio frustrado.

– Desculpa, Lourenço. Eu estou tecnicamente me tornando uma chata, né? – desculpou-se com bom humor.

– Digamos que virou a sabichona e *expert* em assuntos de caça-fantasmas... Tudo bem, também quero aprender. Mas vamos devagar com as lições, tá? Muita informação!

– Ok! Desculpa! É que eu estou tão empolgada com tudo isso! A possibilidade de ajudar, de fazer esse serviço... É tão recompensador! Eu meio que fico querendo dividir com você tudo o que eu estou aprendendo e tão rápido!

PERIGOSAS ACHERON

– Minha heroína! – falou com carinho e bom humor, tomando-lhe uma das mãos, para depositar sobre ela um beijo terno.

Em seguida, deram-se as mãos e caminharam em silêncio. Lourenço olhou para a lua e para sua amada. Aproximou seu rosto devagar e beijou-a suavemente. O celular vibrou no bolso da calça de Lourenço enquanto seus lábios estavam unidos aos de Lucinda, mas ele o ignorou. Só quando o gesto banhado pelo luar se encerrou, foi que ele verificou a mensagem.

– É do Perez. Ele está convidando a gente para um churrasco na casa dele no próximo domingo. Disse que tem uma amiga dele, que veio passar as férias no Rio, que nós precisamos conhecer. Na verdade, ele disse que VOCÊ precisa conhecer... Que vocês duas têm muito em comum... Não sei por quê. É uma tal de Catarina... Ele não aceita um não como resposta. Ele sabe que a gente tá de

PERIGOSAS ACHERON

férias.

– Tá, tudo bem. Pode responder que a gente vai.

* * *

O sarau

A estada na fazenda terminaria com o famoso sarau. Uma hora antes da apresentação, foram oferecidas aos hóspedes roupas de época para alugar, para quem quisesse participar do cenário, realmente mergulhando no século XIX a caráter. Lourenço e Lucinda não pensaram duas vezes, assim como a maioria dos visitantes. Todos acharam a oportunidade única. Todos pensavam principalmente nas fotos maravilhosas que poderiam tirar.

O tempo passou rápido entre os ajustes nas roupas e as várias fotografias tiradas e, logo, era tempo de assistirem ao sarau.

Foi absolutamente esplêndido. O clima da peça nunca foi tão leve, tão suave e cheio de alegria.

Anderson estava inspirado e deu um show de performance. Sua atuação foi impecável, brilhante. Além da encenação, os atores dançaram a polca, o minueto e a valsa. Lourenço e Lucinda apreciaram muito o espetáculo e aplaudiram efusivamente.

Ao término, os atores convidaram as pessoas presentes para acompanhá-los em outras valsas. Era o momento mágico que todos esperavam: aquele em que se misturariam ao elenco, vestidos de suas fantasias, compondo também o ambiente e viajando no tempo. Não se poderia imaginar nada mais romântico. Lourenço e Lucinda tinham consciência de tal fato e estavam dispostos a desfrutar cada minuto solenemente. Mas ainda antes de soar a música, trocaram olhares e sorrisos de cumplicidade e camaradagem com Anderson, como em uma despedida implícita.

Encerraram sua visita ao mundo histórico rodopiando no salão antigo ao som do Romantismo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

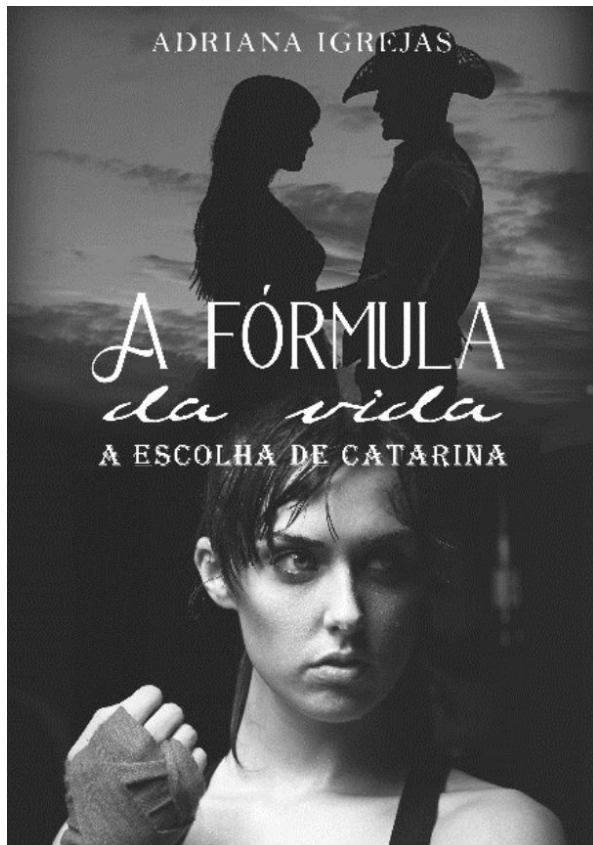
de Strauss e selaram o fim de suas férias com um beijo *valsante*. Mais tarde, haveria outros, sob a luz da lua talvez...

FIM

PERIGOSAS ACHERON

Leia também, da autora:

A fórmula da vida – A escolha de Catarina (romance policial com ação, aventura, drama, humor e uma história de amor redentora) – 480 páginas – também disponível em e-book na Amazon.



Sinopse: Vítima de um crime, Catarina Durval faz justiça com suas próprias mãos, mas paga um preço alto por isso. A jovem Catarina atravessa a adolescência e chega à vida adulta com vários dilemas.

Quando Catarina se vê novamente acusada de um crime, foge e

PERIGOSAS NACIONAIS

assume a identidade de um colega. Refugiando-se em uma fazenda, usando o nome do colega e em seu emprego, ela conhece a família Fragoso e outras pessoas simples que vão fazendo com que aos poucos ela seja uma pessoa melhor. Descobre o amor que julgou não existir e se vê envolvida de tal forma, que o momento de sua partida para enfrentar seu destino se torna muito mais difícil do que julgara.

Ao voltar para sua cidade, ela vai ao encontro de uma cilada fatal e vai precisar lutar pela sua vida e resolver todos os seus problemas antes de poder buscar novamente o amor e a felicidade.

Um apartamento com vista para o mar e outras histórias

(contos – histórias de diferentes gêneros, entre eles: amor, humor, drama, sobrenatural, mistério) 90 páginas. Exclusivo em e-book na Amazon.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Sinopse: No conto que encabeça a coletânea *Um apartamento com vista para o mar* temos como narrador o Cupido, ou a personificação do amor, que tem a difícil missão de fazer com que dois jovens fiquem juntos e sejam felizes para sempre, apesar de todos os problemas. Em *A mulher e o canário*, uma esposa reprimida faz uma reflexão sobre sua falta de liberdade em analogia com o canário na gaiola e decide romper a prisão psicológica em que vive. Em *A parte perfeita*, um homem abandona sua namorada ao sonhar com uma mulher que ele julga perfeita e começa uma busca por achar essa mulher. Em *A fita azul*, Bruna é a neta que vai tentar alegrar um pouco a vida de sua avó doente utilizando informações que acha no caderno de memórias da anciã. Em *Para os filhos deste solo, não és, mãe, gentil* o narrador-personagem se sensibiliza ao presenciar uma mendiga cantando o hino nacional. Em *A cara do Rio de*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Janeiro, Dona Nilsa é uma professora que se empolga com o trabalho de um aluno, que aparentemente é brilhante. *Coisa de homem* relata uma divertida discussão de um casal provocada por um convite inusitado de um amigo do casal. Em *Anímico* encontramos um rapaz ainda muito jovem embevecido por constatar que encontrou o amor de sua vida ainda tão cedo, antes do esperado. *Moça de escritório* narra a tentativa de Ana, moça humilde, de mudar de vida apenas mudando a forma de se vestir. E no último conto *Amor em Flores e Folhas* os jovens médicos, Dagoberto e Gisela, têm uma nova chance de viverem seu amor proibido ao serem levados para a misteriosa cidade de Folhas, onde devem cumprir uma missão.

Quatro contos de amor (contos – quatro histórias de amor – publicação exclusiva em e-book pela Amazon) 57 páginas



Sinopse: Quatro histórias de amor surpreendentes e apaixonantes
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da mesma autora de "A babá gótica": A culpa é das mentiras - a mentira pode atrapalhar um romance?; De verdade - Tudo o que ela queria era um namorado de mentirinha, mas ele queria tudo "de verdade"; Desembrulhando no Natal - Ela teria que escolher entre uma grande oportunidade e seu amor bem na época do Natal...; Queijadinha de assadeira - uma história baseada em uma receita, um prato doce que primeiro os separou e depois os uniu.

PERIGOSAS ACHERON